

DIÁLOGOS PENINSULARES: MIGUEL DE UNAMUNO E PORTUGAL¹

PAULO MOTTA OLIVEIRA
(IEL/UNICAMP)

É um dado recorrente nas reflexões de Unamuno a percepção do estado de mútuo desconhecimento que existia entre Portugal e Espanha, situação que ainda se mantinha nas primeiras décadas do século XX. Essa percepção aparece desde a anedota – repetida várias vezes, em diferentes versões que vão da certeza ao “ouvi dizer que” – sobre as obras de Ramon y Cajal que “en Coimbra (...) andaban en manos de estudantes de Medicina (...) pero las tenían traducidas ... al francés”², a formulações mais amplas, sobre uma falta de intercâmbios, para ele, injustificável. Parece que o autor de *Niebla* gostaria que a sua obra fosse uma ponte através da qual poderiam se aproximar essas duas nações que agiam como se estivessem separadas por grandes e intransponíveis fronteiras naturais, apesar de que, como ironicamente não deixa de notar D. Miguel em um de seus artigos, quando está a retornar de Guarda para Espanha, “La frontera por esa parte no se señala ni por río, ni por montañas, ni por demarcación alguna natural”³.

Várias vezes Unamuno também se referiu às quase inexistentes trocas literárias entre os países peninsulares, como, por exemplo, no artigo “La Literatura Portuguesa Contemporánea”, em que afirma:

¹ Defendi, em 1995, a tese *Esperança e Decadência: as imagens de Portugal na segunda série de A Águia*, orientada pelo Prof. Dr. Haquira Osakabe. O presente ensaio articula algumas das referências presentes, na tese, sobre a obra de Miguel de Unamuno, com outras reflexões feitas nos últimos anos, em especial aquelas produzidas durante o biênio 1999-2000, em que desenvolvi a pesquisa *Desdobramentos da segunda série de A Águia*, vinculada ao projeto integrado *Fontes para o estudo das literaturas brasileira e portuguesa*, por mim coordenado e financiado pelo CNPq.

² UNAMUNO, 1985, p.104. Essa mesma anedota aparece em um dos últimos textos de Unamuno sobre Portugal, já como marca de um passado que se modificou: “Pasaron los tiempos en que se leía a Cajal en traducción francesa.” (UNAMUNO, 1985, p.298).

³ UNAMUNO, 1985, p.180.

Aquí en España, no es la literatura portuguesa todo lo conocida y apreciada que debería ser, aun siendo las dos lenguas tan afines que sin gran esfuerzo podemos leer el portugués. Diferénciase del castellano mucho menos que el catalán, y, sobre todo, el portugués escrito.

Mas, aun siendo los dos países vecinos aislados los dos, en cierto modo del resto de Europa, yo no sé qué absurdo sino nos ha mantenido separados en lo espiritual. En Madrid es más fácil encontrar un libro inglés, alemán o italiano que no portugués (...)⁴.

De fato, podemos considerar que Unamuno foi um dos raros intelectuais espanhóis a tentar romper, no início do século XX, esse mútuo isolamento. Como disse “Es una obra de amor y cultura hacer que Portugal y España se conozcan mutuamente”⁵. Assíduo leitor da literatura portuguesa, apaixonado por escritores oitocentistas como Alexandre Herculano, Oliveira Martins, António Nobre, Eça de Queiroz, e, em especial, Camilo Castelo Branco - sobre quem disse que “Leer a Camilo es viajar por Portugal, pero por el Portugal de las almas”⁶ - , amigo íntimo de intelectuais portugueses importantes de várias gerações como, entre outros, Guerra Junqueiro, Teixeira de Pascoaes, Manuel Laranjeira e Vitorino Nemésio: tudo isso fez de Unamuno um conhecedor e apreciador da cultura portuguesa, e o levou a publicar um conjunto significativo de artigos sobre as *coisas de Portugal*, tentando divulgá-las não só na Espanha, mas também em outros países⁷.

Por tudo isso, a obra de Unamuno, e, em especial, a parte sobre Portugal, constitui um território importante para mapearmos aspectos das relações culturais que, mesmo que de forma precária, existiram no início do século XX entre os países ibéricos. É o que aqui pretendemos fazer, analisando os *diálogos* que se estabelecem entre alguns dos textos do reitor de Salamanca e obras de escritores portugueses.

As imagens que Unamuno formulou sobre Portugal sofreram influência da *onda pessimista* presente na cultura portuguesa durante toda a segunda metade do século XIX, e que foi especialmente preponderante no período 1890-1910. Em relação a esse pessimismo, João Medina considera:

⁴ UNAMUNO, 1985, p.120.

⁵ PASCOAES, UNAMUNO, 1986, p.69.

⁶ UNAMUNO, 1985, p.177.

⁷ Essa preocupação pode ser notada, por exemplo, em uma das cartas presentes em seu epistolário com Pascoaes, datada de 23 de abril de 1914, em que afirma que havia enviado para Cuba, e que pretendia enviar para Buenos Aires e Nova Orleans, artigos sobre a literatura portuguesa (PASCOAES, UNAMUNO, 1986, p.88).

A obsessão da decadência nacional, dum progressivo e inelutável declínio de todo o País, complexo de morbos, reações, profecias e desesperos que podíamos resumir na expressão de *miséria portuguesa*, atravessa todas as grandes obras literárias da segunda metade do séc. XIX português. (...) em todo o nosso séc. XIX e começos do século seguinte se escutam as Cassandras, ora irônicas, ora patéticas, a vergastarem o ar com os brados, as maldições, os trenos e as súplicas dum verbo que, de indignado, se faz rouco e por fim, áfono⁸.

Por seu turno, Lourenço aponta para a existência de um *sentimento trágico* que percorre todo o século XIX português:

Este sentimento de fragilidade óptica relativo à existência pátria durante *todo* o século XIX, a consciência de uma permanente ameaça, atingiram proporções que hoje nos parecem absurdas (...) mas as suas ondas de choque vão contaminar quase todas as grandes manifestações literárias capitais do século⁹

Unamuno não escapou desse tipo de visão, que era, afinal, a de muitos dos amigos que tinha em Portugal. Em relação a essa perspectiva, Óscar Lopes pondera que “foi (...) [Manuel] Laranjeira quem mais influenciou Unamuno quanto à concepção de um pessimismo intrinsecamente português”¹⁰. Concordamos apenas em parte com Lopes. É inegável que foi uma carta de Laranjeira, “que o correspondente [Unamuno] se apressou a publicar mesmo antes de autorizado”¹¹ que gerou um dos mais famosos e depressivos artigos desse filósofo espanhol sobre Portugal: “Un pueblo suicida”. Nesse artigo, escrito em Lisboa, Unamuno afirma:

Entre tanto van y vienen las gentes de esta ciudad cosmopolita; parecen contentas, ríen, gesticulan, acuden a sus negocios o sus distracciones. Y un satisfecho podría decirles al verlas: “Este es un pueblo como todos los demás; aquí no pasa nada”. Y, sin embargo, Portugal, esta misma tierra, es un pueblo triste.

⁸ MEDINA, 1974, p.33-35.

⁹ LOURENÇO, 1982, p.92.

¹⁰ LOPES, 1987, p.89.

¹¹ LOPES, 1987, p.89. Essa carta de Laranjeira havia sido escrita em 28 de outubro de 1908 (Cf. LARANJEIRA, 1943, p.145-149), e, em novembro do mesmo ano, Unamuno já a havia traduzido para o espanhol e a tinha reproduzido em seu artigo que foi publicado em Buenos Aires. Será apenas em dezembro que o reitor de Salamanca dirá a Laranjeira: “Su carta anterior, aquela en que me hablaba de su tierra y de su tan vernácula desesperación contenida o resignada, me impresionó tanto que la he aprovechado para una de mis correspondencias a *La Nación*, de Buenos Aires”. (UNAMUNO, 1943, p.175). Essa carta de Unamuno a Laranjeira está erroneamente datada de 9-VIII-08 (UNAMUNO, 1943, p.174). Pela posição que ocupa no livro, e por uma série de outras informações nela presentes – que podem ser confrontadas com a carta enviada por Unamuno a Pascoaes em primeiro de janeiro de 1909 (Cf. PASCOAES, UNAMUNO, 1986, p.70) – podemos deduzir que a carta deve ser de 9-XII-08, tendo provavelmente ocorrido uma gralha quando de sua publicação em livro.

Es, sí, un pueblo triste. Y de aquí el encanto que para algunos tiene, a pesar de la evidente trivialidad de sus manifestaciones exteriores.

Portugal es un pueblo triste, y lo es hasta cuando sonrío. Su literatura, incluso su literatura cómica y jocosa, es una literatura triste.

Portugal es un pueblo de suicidas, tal vez un pueblo suicida¹².

Em seguida, Unamuno fala de uma série de suicidas portugueses: Antero de Quental, Soares dos Reis, Camilo Castelo Branco, Mousinho de Albuquerque, Trindade Coelho, chegando mesmo a considerar que o assassino de D. Carlos seria também, ao cometer o regicídio, uma espécie de suicida. Após essas reflexões reproduz a carta de Laranjeira, epístola eivada de fundo pessimismo, com afirmações como “Em Portugal, a única crença ainda digna de respeito é a crença – na morte libertadora”¹³ ou “Não falta mesmo por aí quem diga que *isto* não é já um povo, mas sim – o cadáver de um povo”¹⁴.

Se certamente o convívio com Manuel Laranjeira pode ter fornecido ao autor de *Niebla* alguns dos *topoi* com que viu Portugal – como o epistolário entre ambos o comprova –, parece-me que, de fato, esse convívio, e o posterior suicídio do autor de *Comigo*, só veio a reforçar um tipo de visão que, antes mesmo desse período, Unamuno já possuía. Alguns dados poderão comprovar essa hipótese.

Como é sabido foi apenas em julho de 1908 que esses dois escritores se conheceram. Ora, em fins de 1905, em carta dirigida a Pascoaes, encontramos:

Estoy recojiendo materiales para escribir un trabajo que se llamará: *Portugal*. Sus libros de usted me son útiles al efecto. Me interesa sobre todo el tedio portugués, el pesimismo patriótico todo lo que hay debajo de aquel terrible verso de Nobre

Amigos
Que desgraça nascer em Portugal!”¹⁵.

Ou seja, podemos deduzir que foi a literatura e, em especial, um *verso terrível* de Nobre, que levou Unamuno a começar a construir a imagem de um Portugal intrinsecamente triste e pessimista. Se isso já nos mostra que deve ser relativizada a importância nessa visão do convívio com Laranjeira, devemos ainda notar que uma das principais e mais complexas imagens que esse filósofo teve de Portugal já estava em elaboração antes de ele conhecer o autor de *Comigo*. Como notou Julio García Morejón, e também já analisei em outro

¹² UNAMUNO, 1985, p.171.

¹³ LARANJEIRA, 1943, p.146.

¹⁴ LARANJEIRA, 1943, p.149.

¹⁵ PASCOAES, UNAMUNO, 1986, p.65.

contexto¹⁶, é em um trecho, abaixo reproduzido, de um artigo de março de 1907, que essa imagem primeiro aparece:

Representaseme Portugal como una hermosa y dulce muchacha campesina que de espaldas a Europa, sentada a orillas del mar, con los descalzos pies en el borde mismo donde la espuma de las gemebundas olas se los baña, los codos hincados en las rodillas y la cara entre las manos, mira cómo el sol se pone en las aguas infinitas. Porque para Portugal el sol no nace nunca: muere siempre en el mar que fue teatro de sus hazañas y cuna y sepulcro de sus glorias¹⁷.

Essa imagem será, em 26 de junho do mesmo ano, transformada em poesia:

Portugal, Portugal, tierra descalza,
acurrucada junto al mar, tu madre,
llorando soledades
de trágicos amores,
mientras tus pies desnudos las espumas
saladas bañan,
tu verde cabellera suelta al viento
- cabellera de pinos rumorosos-
los codos descansando en las rodillas,
y la cara morena entre ambas palmas,
clavas tus ojos donde el sol se acuesta
solo en la mar inmensa,
y en el lento naufragio así meditas
de tus glorias de Oriente
cantando *fados* quejumbrosa y lenta¹⁸.

Em relação a esses dois textos, é inevitável a lembrança do momento em que Vasco da Gama está a descrever a posição geográfica de seu país, em *Os Lusíadas*:

Eis aqui, quase no cume da cabeça
De Europa toda, o reino lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa
E onde Febo repousa no oceano¹⁹.

Se, em Camões, a terra se acaba e o sol repousa no oceano, nesse poema existe uma relação mais umbilical entre a figura feminina que representa

¹⁶ MOREJÓN, 1971; OLIVEIRA, 1996.

¹⁷ UNAMUNO, 1985, p.115-116.

¹⁸ UNAMUNO, 1985, p.84. Existem algumas pequenas diferenças entre a versão que citamos do poema e as presentes seja em PINTO, 1949, seja em MOREJÓN, 1971.

¹⁹ CAMÕES, 1980, p.200

Portugal e o mar: ele é não só a fonte do único contato físico que ela, de costas para a Europa, possui - a carícia das espumas salgadas em seus pés - mas também a *mãe*, e ainda o espaço para onde seu olhar, seguindo o sol que se põe, se dirige. Esta relação estreita é reforçada por outros elementos. No cume de sua cabeça, temos uma *verde cabeleira de pinhos rumorosos*, pinhos que, como mais de uma vez indicou Unamuno em sua obra²⁰, seguindo uma tradição que já estava presente em *Os Lusíadas*, são a matéria básica para a construção dos navios que permitiram a conquista do mar. Assim, essa cabeleira institui uma nova relação entre a figura feminina e o mar, a de navegá-lo, que aparece destituída de seu caráter de domínio para se concentrar na figura do *naufrágio*. O sol naufraga no mar e este naufrágio representa também o das glórias do Oriente, do além-mar que um dia foi português. Mas não apenas o das glórias; o naufrágio aparece, nos textos de Unamuno, associado de forma dupla a Portugal, como pode ser visto, entre outros, no trecho abaixo:

Hay en la literatura portuguesa una colección de relatos de naufragios que se llama la *História Trágico-Marítima*, y resulta ser una de las más características expresiones del alma portuguesa, trágica como el mar. Y la historia toda de Portugal (...) es un largo naufragio. Y dentro de ese pueblo trágico y elegíaco, ¡cuántas tragedias, cuántos naufragios de alma! Naufragios por el amor, pues que la tragedia portuguesa es de ordinario erótica²¹.

No poema também aparece a imagem de um duplo naufrágio. No início, temos a mulher “llorando soledades de trágicos amores” e, no final, ela medita “en el lento naufragio (...) / de tus glorias de Oriente / cantando *fados* quejunbrosa y lenta”. Existe, assim, uma homologia entre estes dois lamentos, que marcam um duplo fracasso na relação com *o outro*: seja a relação amorosa, seja a de poder, ambas são coisas de um passado que naufragou, e do qual só restam tristes saudades. Assim, fica reforçada a imagem de solidão e desamparo que percorre todo o poema. Essa figura encolhida e descalça, em oposição às glórias e aos amores passados que foram perdidos, fica estática a interrogar o mar, que a criou e a devorou em seus naufrágios, e que banha seus pés²².

É justamente o papel central que o naufragar ocupa nessa visão de Unamuno que lhe dá uma posição peculiar nas reflexões que, no século XIX e no início do XX, existiram em Portugal sobre a realidade do país e a relação desta realidade com as navegações.

²⁰ Ver, entre outros, o artigo “*Las Sombras* de Teixeira de Pascoaes” (UNAMUNO, 1985, p. 125-132).

²¹ UNAMUNO, 1985, p. 215.

²² A análise que acima fizemos do poema de Unamuno reproduz, em linhas gerais, a que já apresentamos em OLIVEIRA, 1996.

Se não temos aqui o espaço necessário para desenvolver essa questão²³, gostaríamos de apontar para a existência, ao longo do século XIX, de uma trajetória que, partindo de um repúdio à experiência passada das navegações, acaba por transformar essa experiência em paradigma simbólico de um possível, e desejado, futuro. No início dessa trajetória temos Alexandre Herculano na quinta das *Cartas sobre a história de Portugal* e o Antero das *Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos*. Nesses textos, o Portugal que Herculano enxerga, e o que Antero deseja, é um país inserido em um tempo distinto do das navegações: para o primeiro um tempo que em certo sentido retoma as lutas que existiam na Idade Média, para o segundo, um tempo europeu, para o qual o espectro das navegações é um estorvo. Inúteis para o primeiro, prejudiciais para o segundo, as navegações são negadas não pelo que foram, mas pelo que ainda são ou pelo que não podem vir a ser.

Essa temporalidade será reformulada em *História da Civilização Ibérica*. No último capítulo desse livro, Oliveira Martins analisará a trajetória da antiga Espanha católica para a nova sociedade que ainda está se formando como uma *navegação*, que partindo do *velho mundo* busca por entre *nevoeiros* o novo *porto*, ou seja, a futura idéia-síntese que irá congrega a sociedade

Nós acreditamos firme e diremos até piamente (...) na futura organização das nações da Europa; cremos portanto em uma vindoura Espanha mais nobre e mais ilustre ainda do que foi a do século XVI. Acreditamos também que já hoje navegamos na viagem para este porto, embora os nevoeiros conturbem as vistas dos nautas agora que apenas acabamos de largar as costas do velho mundo.²⁴

É criado, nesse trecho, um *topos* que será, a partir de então, recorrente: o destino da península, ou o de Portugal, será visto como a conquista de um poderio semelhante ao antigo, através de *novas navegações*, não mais terrenas, e sim espirituais. Assim, a importância das navegações é recuperada, e elas se transformam em paradigma de um futuro a ser atingido. O tempo presente, separado das navegações por Herculano e Antero, de novo a elas se liga, na visão de Martins.

Essa concepção ganhará novos desdobramentos com “San Gabriel”, de Camilo Pessanha²⁵, em que Portugal é uma nau presa em uma calmaria, da qual só poderá escapar com a ajuda do divino – San Gabriel –, a quem é pedido que de novo abençoe o mar e guie os portugueses à *conquista final*, “à nebulosa /

²³ Sobre as navegações no imaginário oitocentista, ver OLIVEIRA, 1997.

²⁴ MARTINS, 1973. p.338.

²⁵ Esse poema foi publicado inicialmente no *Jornal Único* de Macau em 25 de Maio de 1898, para comemorar o quarto centenário da chegada de Vasco da Gama às Índias.

Que do além vapura, luminosa, / E à noite lactescendo, onde, quietas, // Fulgem as velhas almas namoradas... / Almas tristes, severas, resignadas, / De guerreiros, de santos, de poetas”²⁶. Apenas chegando a essa nebulosa, os portugueses poderão atingir um estado em que o *já feito* ganhará significado, em que a *navegação*, iniciada e interrompida no passado, será finalmente completada. Assim, o que em Martins era uma analogia entre a missão passada e o destino futuro, aqui se converte em uma construção mais intrincada: existe essa analogia, mas o passado não possui um significado em si, já que é apenas o início de algo que só em um futuro poderá se consumir.

Note-se que, se existe uma proximidade entre os raciocínios de Antero e Herculano, o mesmo ocorre com Martins e Pessanha. Para estes, diferentemente daqueles, a experiência das navegações possui relação com o presente de Portugal, pois nelas se criou um *certo aprendizado* que possibilitará ao país, ou à Ibéria, estar preparado para um novo navegar, que ocorrerá em mares espirituais.

Como vemos, se a navegação foi um tema revisitado ao longo de todo o século XIX, não encontramos referências, nessas leituras, à imagem do naufragar. De fato, as imagens nelas mais recorrentes são a do nevoeiro e a da calmaria. Existe uma outra, mais próxima da de Unamuno, que é a da tempestade, presente em um texto de Nobre: “Eu confio em ti, reza d’Heróis / E confiar em ti não é vaidade. / Vossos nomes de bronze são faróis / Que luz darão à nossa tempestade”²⁷. Mas a imagem do destino português como um naufrágio, até onde pudemos pesquisar, aparece apenas em um trecho de *História de Portugal* de Martins, em que, após narrar demoradamente o naufrágio, em 1589, de D. Paulo de Lima, o historiador considera:

Tudo se desmoronava de um modo simples e rápido. As esquadras perdiam-se inteiras; e tantas desgraças abatiam os ânimos antigos, a ponto de tornarem a covardia tão vulgar como eram de antes a audácia e a bravura. (...)

Essa louca viagem, sem pilotos hábeis, terminava por um breve naufrágio: e os mares que, no século XV, nós vencemos com tamanha audácia, vingavam-se, no XVI, do nosso atrevimento.²⁸

Uma nação que naufraga. Uma nação que, na visão do próprio Martins, morre em Alcácer Quibir, dela só restando dois epitáfios:

²⁶ PESSANHA, 1973, p.41.

²⁷ NOBRE, 1945, p.113.

²⁸ MARTINS, s.d., v. I, p.233.

Acabavam ao mesmo tempo, com a pátria portuguesa, os dois homens - Camões, D. Sebastião - que nas agonias dela tinham encarnado em si, e numa quimera, o plano de ressurreição. Nesse túmulo que encerrava, com os cadáveres do poeta e do rei, o da Nação, havia dois epitáfios: um foi o sonho sebastianista; o outro foi, é, o poema d'*Os Lusíadas*²⁹.

Não é essa, também, a visão de Unamuno, a de um Portugal em constante e inevitável naufrágio, a de um Portugal fadado a ficar cantando, em seus tristes fados, um passado que nunca acabava de morrer? Essa imagem é recorrente nos textos do reitor de Salamanca. Em “La Pesca de Espinho”, por exemplo, ele contrapõe a pequenez do presente com os ecos da glória passada:

¡Que tristeza infunde, después de recorrer con la memoria la espléndida historia de las glorias marinas de Portugal, la patria de los más grandes navegantes, fijar la vista en estos pobres mansos buyecitos rubios tirando playa arriba las cuerdas de las redes, sumidos sus astados testuces bajo los ornamentados yugos, en cuyo centro brilla el blasón, un tiempo resplandeciente de gloria, de Portugal!³⁰

Já em “Las ánimas del purgatorio en Portugal”, Unamuno descreve o oceano como sendo um imenso *purgatório*, repleto de *almas portuguesas*:

Es el océano vasto cementerio, sobre todo para Portugal. ¡El mar, ésa es la “campa”, ése es el cementerio de esta desgraciada patria de Vasco de Gama, de João de Castro, de Albuquerque, de Cabral, de Magallanes, de todos los más grandes navegantes del mundo, de esta patria del infante don Fernando, del rey D. Sebastião, que allende el mar murieron. En ese inmenso cementerio vivo, que viene murmurando *fados* a besar las playas de este

jardim da Europa, à beira-mar plantado,

en ese inmenso cementerio descansa la gloria de Portugal, cuya historia es un trágico naufragio de siglos. Y este murmullo del océano, estas quejumbres que vienen de su seno cuando el sol en él se acuesta, ¿no son acaso las voces de las pobres ánimas portuguesas que vagan errantes en sus olas? ¿No piden sufragios a los vivos? ¿No es aquí el mar el Purgatorio?

Sí, aquí el Purgatorio es el mar; un purgatorio de aguas traidoras, no de fuego; sus olas son sus llamas. El mar, que fue la gloria de Portugal; el mar, que le ha dado eternidad en la historia humana, el mar le ha devorado, le ha metido

no gosto da cobiça e na rudeza

duma austera apagada e vil tristeza,

como cantó, de acorde con el mar, Camoens.³¹

Nas imagens construídas nesses e em vários outros textos parece não existir uma saída para esse Portugal triste e desgraçado, para esse naufragar sem fim. Mas Unamuno acabou por vislumbrar uma saída que, cremos, talvez

²⁹ MARTINS, s.d., v. I, p. 57.

³⁰ UNAMUNO, 1985, p.155.

³¹ UNAMUNO, 1985, pp.148-149.

tenha encontrado no mesmo escritor que, na carta que dirigiu a Pascoaes em 1905, havia citado como autor de um *verso terrível*: António Nobre. Não no *Só*, mas em *Despedidas* – livro que, devemos notar, fazia parte da biblioteca de Unamuno³² –, e em especial em um trecho dessa obra, escrito em quatorze oitavas com versos decassílabos, em clara referência formal a *Os Lusíadas*. Nesse trecho, o tempo é considerado como circular, sendo o futuro o retorno da glória passada:

O que já foste tu [Lisboa], noutras idades
Grande e famosa acima das Nações,
Tu de novo o serás, porque as cidades
Têm varias mortes e ressurreições,
Novas conquistas, outros galeões...³³.

Este *ressurgir* da Lisboa imperial, é prometido por um poeta que se assume como bruxo e profeta:

Velha Lisboa, minha mãe-Madrinha
Tu voltarás a ser o que já foste,
E não, não cuides que é ilusão minha,
Pois nenhuma já tenho a que me encoste!
Não sei quê dentro em mim m'adivinha
Não sei que voz m'o diz de que eu mais goste
E bem no sabes de bem longe: os Poetas
Não se enganam - são bruxos, são Profetas!³⁴

O renascimento de Lisboa está intimamente vinculado, no poema, ao retorno de D. Sebastião. O rei-menino é referido logo após ser afirmado que a pátria está *em sepultura*, portanto, dentro da lógica do poema, pronta para renascer:

Esperai, esperai, ó Portugueses!
Que ele há-de vir, um dia! Esperai.
Para os mortos os séculos são meses,
Ou menos que isso, nem um dia, um ai.
Tende paciência! finarão revezes;
E até lá, Portugueses! trabalhai.
Que El-Rei-Menino não tarda a surgir,
Que ele há-de vir, há-de vir, há-de-vir!³⁵.

³² Cf. MOREJÓN, 1971, p. 517.

³³ NOBRE, 1945, p.111.

³⁴ NOBRE, 1945, p.111.

³⁵ NOBRE, 1945, p.115.

Podemos perceber, nesse poema, certas similitudes com o pensamento de Oliveira Martins, como foi expresso nas obras que citamos. O autor de *História de Portugal* considerava que a dissolução da Espanha antiga já implicava o nascimento da nova idéia que iria congrega o país. Existia, assim, na sua forma de ver a história, uma visão cíclica, em que a morte do passado já engendra o nascimento do futuro. Nobre exacerba esta concepção, vendo no futuro destino de Lisboa uma reprodução de seu passado, e na morte do país a certeza de seu renascimento. Além disso, se, para Martins, Portugal morre em Alcácer, a clara vinculação, nesse poema, entre o renascimento nacional e a volta do rei-menino também pode ser considerada como tributária desta concepção martiniana.

É justamente essa visão que, passando por Martins e por Nobre, será reestruturada por Unamuno, no seu mais famoso poema sobre Portugal, publicado pela primeira vez em *A Águia*:

Del Atlántico mar en la orillas
desgreñada y descalza una matrona
se sienta al pié de sierra que corona
triste pinar. Apoya en las rodillas

los codos y en las manos las mejillas
y clava ansiosos ojos de leona
en la puesta del sol. El mar entona
su trágico cantar de maravillas.

Dice de luengas tierras y de azares
mientras ella sus piés en las espumas
bañando sueña en el fatal imperio

que se hundió en los tenebrosos mares,
y mira cómo entre agoreras brumas
se alza Don Sebastián, rey del misterio³⁶.

Nesse soneto, temos a reestruturação de alguns dos temas presentes no primeiro poema de Unamuno que citamos. A imagem básica da mulher é a mesma, mas existem mudanças significativas. De início, está aqui ausente o lado amoroso do primeiro poema e todo o soneto está concentrado na imagem

³⁶ PASCOAES, UNAMUNO, 1986, p.78. Além da citada, tive acesso a quatro outras edições desse soneto, presentes em PINTO, 1949; UNAMUNO, 1956; UNAMUNO, 1985; UNAMUNO, jul. 1911. Todas elas apresentavam pequenas diferenças. Optamos pela versão existente no *Epistolário Ibérico* por ser, teoricamente, das que consultamos, a que apresentaria maior possibilidade de reproduzir de forma fiel o texto original de Unamuno, já que é uma reprodução da carta que o autor de *Niebla* enviou a Pascoes oferecendo este, e um outro soneto, para serem publicados em *A Águia*. Acrescentamos os espaços entre as estrofes, que não estão presentes na edição citada.

da mulher que olha o mar. Os pinheiros, antes metaforizados na *verde cabeleira*, estão agora no cume de uma alta serra. Se a relação básica entre árvores e naus se mantém implícita, nesse poema a serra em que se encontram os pinheiros tem um duplo sentido: não só os afasta do mar, mostrando uma maior dificuldade na aproximação presente destes dois elementos que já estiveram unidos no passado³⁷, como também cria um *locus* ainda mais isolado para essa mulher, espremida entre a serra à suas costas e o mar à sua frente. Além disso, existem acréscimos importantes. O mar aparece de uma dupla forma: é ele que fala, como que seduzindo com o seu *trágico cantar de maravilhas*, e ao mesmo tempo é o *tenebroso espaço* em que o fatal império se afundou. Não é difícil ver que o mar ganha as características das sereias, que com seu canto chamavam os navegantes para que fossem atraídos para rochedos e neles naufragassem. Podemos supor que esse mar/sereia encantou os pinheiros, agora tristes, e fez com que descessem da serra e afundassem no tenebroso mar, repetindo em drama humano o caminho do sol.

Mas esse claro sentido descensional que percorre o poema se opõe, no último verso, ao verbo *alzar* que é aplicado a D. Sebastião. Ele se levanta, vindo do mar, e como restituindo o país de sua queda. É este retorno que a mulher, com olhos de leoa, vê ao olhar o pôr-do-sol.

Esta breve decodificação dos dois poemas de Unamuno que aqui analisamos mostra que, se ambos partem de um núcleo comum, acabam por construir imagens distintas de Portugal. No primeiro, tudo aponta para a pobreza e o desespero do presente, que só consegue produzir choros e fados; no segundo, o aparecimento ascensional de D. Sebastião, no último verso, parece indicar uma possibilidade de inversão do movimento de queda que perpassa o poema. Se, devemos notar, não é dito que este rei retorna, mas simplesmente que a mulher vê este retorno, isto já indica que, ao menos para ela, esta queda pode se inverter. Da mesma forma como, devemos notar, no trecho que aqui citamos de *Despedidas a queda*, que significa a morte de Portugal, poderá ser revertida quando o *rei menino* retornar.

Parece-nos, assim, que Unamuno encontrou, ao menos nesse poema, uma saída para Portugal, ao incorporar, em sua imagem de Portugal, o mito sebástico que ele, por sinal, apontou como uma característica do país em vários de seus textos, como, por exemplo, em “Desde Portugal”, em que afirma:

Los españoles, en el fondo, creemos menos en los milagros: ni aun en los de la ciencia. Y no es por escépticos; es porque aún tenemos alguna más fe en nosotros mismos. No esperamos en la vuelta de ningún don Sebastián. El futuro Mesías ha de

³⁷ Esse aspecto poderia já estar indicado no primeiro poema, metaforizado na distância que separava a *verde cabeleira* dos pés banhados pelas ondas.

sair de un laboratorio, me decía una vez Guerra Junqueiro. ¿No es esto sebastianismo científicoista?³⁸.

Ao reelaborar certas intuições de Nobre, que, por sua vez, poderiam ter tido sua origem em Martins, Unamuno acabou por construir alguns *topoi* que foram, a partir de então, centrais para algumas obras portuguesas. Se não temos aqui o espaço necessário para desenvolver essa perspectiva, que nos levaria a passar por Pascoaes e Pessoa, e pela negação desses em António Sérgio, gostaríamos, para terminar, de citar dois poemas, que de forma diversas dialogam com o soneto que aqui citamos.

No primeiro, como já em outro momento procuramos mostrar³⁹, também teremos uma mulher que, *posta nos cotovelos*, com o rosto *apoiado na mão*, contempla o mar, com um olhar não leonino, mas *sphyngico e fatal*. Uma imagem de mulher muito próxima da pintada por Unamuno, mas que possui apenas a esperança messiânica, e não o desencanto presente.

A Europa jaz, posta nos cotovellos:
De Oriente a Occidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabellos
Olhos gregos, lembrando.

O cotovello esquerdo é recuado;
O direito é em angulo disposto.
Aquelle diz Italia onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que se appoia o rosto.

Fita, com olhar sphyngico e fatal,
O Occidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal⁴⁰.

No segundo, teremos uma “Oração sebastianista”, como se aquela mulher, calada no poema de Unamuno, ou alguém com um sonho semelhante, pudesse enfim transformar a sua louca esperança em um discurso, sem margem de má consciência:

Ó meu rei de fantástica memória,
Passo a vida a rezar a tua história,
Tão verdadeira

³⁸ UNAMUNO, 1985, p.142.

³⁹ OLIVEIRA, 1996.

⁴⁰ PESSOA, 1983. p.5.

E sobrenatural...
Eu rezo a tua infância aventureira
Tua morte num trágico areal.
Rezo a tua existência transcendente,
Numa ilha de névoa, ao sol nascente,
Encantada nos longes da Natura...
E rezo a tua vinda anunciada,
Dentre as brumas daquela madrugada
Que virá dissipar a noite escura⁴¹.

Com esses dois cantos de Pessoa e Pascoaes, cantos de esperança em um retorno que poderia reverter o naufrágio passado, cantos que dialogam com esse agudo espanhol que amou, como poucos, um povo de suicidas, encerramos este ensaio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMÕES, Luís de. (1980). *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército.
- HERCULANO, Alexandre. (s.d.) *Opúsculos*. 5. ed. Lisboa: Livraria Bertrand, t. 5.
- LARANJEIRA, Manuel. (1943). *Cartas de Manuel Laranjeira*. Lisboa: Portugália.
- LOPES, Óscar. (1987). *Entre Fialho e Nemésio*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- LOURENÇO, Eduardo. (1982). *O Labirinto da Saudade*. 2.ed. Lisboa: Dom Quixote.
- MARTINS, Oliveira. (s.d.). *História de Portugal*. Lisboa: Europa-América, 2 v.
- MARTINS, Oliveira. (1973). *História da civilização ibérica*. 10.ed. Lisboa: Guimarães.
- MEDINA, João. (1974). *Eça político*. Lisboa: Seara Nova.
- MOREJÓN, Julio García. (1971). *Unamuno y Portugal*. Madrid, Gredos.
- NOBRE, António. (1945). *Despedidas*. 4.ed. Porto: Imprensa Moderna.
- OLIVEIRA, Paulo Motta. (1996). Aspectos de um diálogo esquecido: Miguel de Unamuno e sua influência em obras de Fernando Pessoa e Jaime Cortesão. *Revista de Letras*, v.36, p.117-131.
- _____. (1997). Em naus que são construídas daquilo de que os sonhos são feitos: a poesia como um novo navegar. In: CORRÊA, Almir Aquino (ed.). *Navegantes dos Mares às Letras*. Londrina: Ed. UEL, p.190-199.

⁴¹ PASCOAES, jul. 1922, p. 9.

PASCOAES, Teixeira de. (1922). Oração sebastianista. *A águia*, 3ª série, jul. v.1, n.1, p. 9.

PASCOAES, Teixeira de. (1986). UNAMUNO, Miguel de. *Epistolário Ibérico*. Lisboa: Assírio e Alvin.

PESSANHA, Camilo. (1973). *Clepsidra e outros poemas*. Lisboa: Ática.

_____. (1995). *Clepsydra*. Lisboa: Relógio D'Água.

PESSOA, Fernando.(1983). *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Aguilar.

PINTO, Álvaro.(1949). Páginas de Memórias - Sobre um soneto e um auto-retrato de D. Miguel de Unamuno. *Ocidente*, v.29, p.363-368.

QUENTAL, Antero.(1982). *Prosas Sócio-Políticas*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

UNAMUNO, Miguel de. (1943). Apêndice – Cartas inéditas de Miguel de Unamuno a Manuel Laranjeira. In: LARANJEIRA, Manuel. *Cartas de Manuel Laranjeira*. Lisboa: Portugália, p.167-182.

_____. (1911). Portugal. *A águia*, 1ª série, jul. n.5, p. 5.

_____. (1985). *Escritos de Unamuno sobre Portugal*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.

_____. (1956). *Obras Selectas*. Madrid: Editorial Plenitud.